

Doente fica 13 horas à espera de atendimento em Sobradinho

Francisco Stuckert

19 JAN 1996

JORNAL DE BRASÍLIA

ANA SÁ

Corredores transformados em ambulatório e emergência, colchões espalhados pelo chão servindo de leito, médicos em número insuficiente, tornando o atendimento um termo em desuso. Poucas vezes a palavra paciente foi tão aplicada em seu primeiro sentido. Esse teste de resistência para enfermos é o quadro sem retoques do dia-a-dia do Hospital Regional de Sobradinho (HRS). Os 186 leitos disponíveis nas clínicas médica, de pediatria e de cirurgia e na maternidade estão lotados. A superlotação tornou o chão do HRS uma área disputada pelos doentes, candidatos ao inferno da saúde.

A situação é mais crítica no Pronto-socorro, onde um doente chega a esperar até 13 horas para ser atendido por absoluta carência de médicos. "Há um desfalque de 21 médicos na emergência", informou o diretor em exercício do hospital, Eduardo Mota Moreira, ao admitir que a equipe médica está enfrentando uma sobrecarga de trabalho, que está levando ao estresse os profissionais. Além de cumprirem a jornada contratural (a maioria trabalha 40 horas semanais), os médicos estão sendo obrigados a fazer 96 horas-extras por mês.

Crime - A situação do hospital foi apresentada ontem à imprensa pelo

Sindicato dos Médicos. A entidade pretende realizar esse tipo de visita-supresa em todos os 12 hospitais da rede pública, uma forma de responsabilizar o GDF por problemas futuros de omissão de socorro. "O Governo Cristovam tem a obrigação de melhorar o padrão de atendimento da rede", enfatizou o diretor Mário Cinelli. A diretora Glayne Chaves de Souza advertiu que o sistema de saúde do Distrito Federal está caminhando para o mesmo caos que se encontra hoje o sistema do Rio de Janeiro, onde a falta de atendimento nos hospitais está provocando até mortes.

Além da sobrecarga de trabalho - há médico que atende até 60 pacientes em 12 horas de trabalho - os profissionais consideram desumano oferecer um atendimento precário aos enfermos, com o agravante de não ter onde acomodá-los com dignidade. Para internar uma tia no hospital, a professora Abanete Leite teve de trazer de casa um colchão. Sua tia, Antônia Gonçalves da Costa, 95 anos, acometida de pneumonia e diabetes, dividia uma das salas de repouso com mais três pacientes, todos alojados em colchões espalhados no chão. "Esse, infelizmente, é o retrato da saúde na capital do País", disse chorando a professora.



Médico, que chega a trabalhar 12 horas, atende paciente no chão